

A ELOQUÊNCIA DOS APAGAMENTOS: MEMÓRIA DAS TRAJETÓRIAS NEGRAS NA HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE

RICARDO PAVÉGLIO SOMMER¹, LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – ricardopaveglio.sommer@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presença da população negra é conhecida na cidade de Porto Alegre/RS desde o período colonial. Contudo, ela não compõe as narrativas oficiais sobre a evolução da cidade, acarretando a invisibilização e o esquecimento dos espaços outrora ocupados pela população negra. O Areal da Baronesa, Colônia Africana, Ilhota, Parque da Redenção e Bacia do Mont'Serrat são alguns territórios negros. Além disto, a falta de representação visual, por meio de mapas, faz com estes territórios acabem ficando soltos no espaço imaginado da cidade, isso quando sua presença não é apagada da representação que se tem sobre este espaço. (VI-EIRA, 2017).

A transformação urbana da cidade, o ajardinamento das ruas, o surgimento das grandes avenidas, vivenciada no período logo após o golpe de Proclamação da República, época na qual ocorreram grandes transformações como a construção do viaduto da Borges. Concomitantemente, esse processo teve como consequência a expulsão de comunidades vulneráveis para fora do que se considerava cidade. (KLEIN, 2004).

Enquanto o urbanismo na Europa nasceu no bojo de um processo de modernização e reforma social, no Brasil ele encontrou um país que não era ainda industrial. Portanto, teorias europeias desenvolvidas em resposta à modernização chegaram ao Brasil antes que a modernização acontecesse. Pode-se argumentar que o urbanismo, assim como fábricas, redes de transportes e arranha-céus, assumiu uma natureza marcadamente simbólica (MOREIRA, 2007). Diante disto, o trabalho busca entender os processos migratórios no espaço urbano e suas complexidades. Neste contexto, as modificações dos Planos Diretores de Porto Alegre ocasionaram em mudanças significativas no desenvolvimento urbanístico da cidade, colaborando com a segregação de classes populares, alastrando a desigualdade social.

As cidades são uma arena na qual as intenções e as aspirações de seus habitantes, projetistas, elites culturais e políticas se encontram (OLSEN, 1986). Longe de ser uma prática isolada e imparcial, o urbanismo envolve a interseção entre estética, política, tecnologia, sociedade e conhecimento científico. O urbanismo incorpora as visões que as sociedades têm em relação ao seu futuro e consegue conciliar intrincadas visões de mundo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho seguirá o método de pesquisa histórica, pois investigará os planos diretores de Porto Alegre de 1979, 1999 e 2010, buscando produzir um registro desses acontecimentos passados e identificar regularidades ou discontinuidades de atores e ideias na sua transformação. De acordo com Richardson (2014), a pesquisa histórica contribui para a compreensão da situação atual e permite relacionar os acontecimentos atuais com o contexto dos fatos passados que lhes deram origem. Tal contribuição interessa para alcançar uma compreensão

acerca de aspectos que mereçam atenção no próximo processo de revisão do plano diretor de Porto Alegre. Após pesquisar a história dos processos de elaboração dos planos, quatro elementos dos processos de formulação serão comparados: fatores que levaram a um novo plano, contexto político, atores predominantes e participação social.

A pesquisa será desenvolvida a partir dos primeiros levantamentos bibliográficos realizados para a proposta inicial da dissertação, utilizando o método de revisão de literaturas relacionadas ao tema, acesso ao Arquivo Histórico de Porto Alegre Mousés Vellinho e compilação e análise de resultados. Através do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), na linha de pesquisa Teoria, História, Patrimônio e crítica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os territórios negros, de um modo geral, ultrapassam uma dimensão conceitual e restrita da ideia do espaço físico e, ao contrário, possuem um sentido mais sistêmico, próximo a definição de território de Guattari e Rolnik, que é relativa tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido, no seio de qual se sente em “casa”. (...) Deste modo, os diversos percursos criados, mantidos e legitimados publicamente pelas pessoas negras de Porto Alegre, potencializaram suas presenças e as intensidades da diferença social, assim multiplicando a diversidade Cultural afro-brasileira. (MIRANDA, 2012).

A praça da Alfândega configura-se como marco importante neste espaço urbano.

Entre a passagem do período do Império para a República (1889), no final do período escravagista, antecedendo a Lei Aurea, foi um momento de grandes transformações no mundo econômico, com o desenvolvimento acelerado do capitalismo, a ascensão dos republicanos ao poder com o final do Império. (DUARTE, 1958).

Particularmente em Porto Alegre, era uma elite republicana de pensamento positivista inspirada nas ideias do Augusto Conter, como o projeto de modernizar a cidade de forma que o espaço de chegada dos navios estivesse preparado para o recebimento do capitalismo, neste sentido, os moldes da filosofia vigente do Partido de Republicanos Rio Grandense, RR, com uma visão elitizada, um ritmo de prática autoritária. (KLEIN, 2004).

No início da gestão do Prefeito Jose Montaury, foi desenvolvido o Plano de Melhoramento e embelezamento, que demarcou os territórios da cidade, estabeleceu diretrizes, dando início as primeiras transformações da cidade, que é conhecido até hoje, fazendo todas estas transformações, especialmente na Praça da Alfândega. (KLEIN, 2004).

Neste contexto, antes de ocorrer as intervenções urbanísticas, no período do século XX, havia uma cidade ainda do período colonial Imperial, uma cidade tecnologicamente muito atrasada em relação àquela que vinha ser proposta, na visão dos Republicanos a cidade deveria se transformar em uma espécie de cartão postal para receber os negócios, o capitalismo, tudo que ele poderia proporcionar. (KLEIN, 2004).

Esta metodologia higienizadora, expulsou da Praça da Alfândega as quitandeiras, prática que também acontecia no Rio de Janeiro, onde ocupavam o espaço das praças, neste contexto também muitos dos comerciantes que trabalhavam na rua, com bancas improvisadas, característica bem típica de uma cidade de formação colonial. (SEYFERTH, 1966).

O Plano Geral de Melhoramento, do Moreira Maciel, também pensou nas avenidas que também teriam que ser abertas para que se pudesse chegar com mais fluidez nos arrabaldes da cidade, logo nos anos aconteceu a abertura da Av. Borges de Medeiros. (KLEIN, 2004).

O Primeiro Código de Posturas da cidade proposto no ano de 1893, proibiu que as bancas de ruas pudessem comercializar os seus produtos, bem como os vendedores de carnes, as quitandeiras. Assim, condicionando-os a se formalizarem junto ao Mercado Público da cidade. (KLEIN, 2004).

Todas estas decisões estão dentro de uma ideia, que vai se chegar alguém do estrangeiro, aportar o seu navio junto ao Porto, desembarcar com tecnologias, produtos novos, de certa forma, a cidade se preparava para ser introduzida dentro de um contexto mundial e econômico de trocas e negócios das grandes cidades do mundo. (KLEIN, 2004).

4. CONCLUSÕES

Esta breve análise realizada para a construção deste texto, servirá como contribuição do que será abordado na dissertação, principalmente se pensarmos na comparação entre a cidade de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador.

O propósito é analisar o contexto atual construído, dos espaços urbanos centrais da cidade. É muito importante abrir caminhos para compreender o processo de elaboração/revisão do plano durante um período politicamente conturbado, diante deste cenário político, a partir do argumento de destravar a construção civil em Porto Alegre (WEISSHEIMER, 2017).

As obras de remodelação da cidade, fizeram desaparecer as formas de habitar da população negra, da classe trabalhadora, e outras etnias. As perdas são inúmeras, bem como, os antigos becos localizados no centro, o Beco do Poço, territórios negros na Bacia Mont'Serrat, onde é possível constatar que havia uma estruturada existência de comunidades negras nestes espaços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Eduardo. Meu encontro com Assis Brasil. Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 9, 1958, p. 7. O termo correto, conforme Assis Brasil, deveria ser "República Federativa"

KLEIN, Ana Inez. **FRONTEIRAS DE CRISTAL: UM ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA ATRAVÉS DAS CRÔNICAS "ANTIGUALHAS: REMINISCÊNCIAS DE PORTO ALEGRE"**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Universidade federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MIRANDA, José Reinaldo. Territórios negros: terras de identidades e liberdade. (2012).

MOREIRA, R. Pensar e ser em Geografia. Ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico, contexto. São Paulo, 189 p., ISBN 978-85-7244-366-1. (2007).

OLSEN, D. The City as a Work of Art: London, Paris and Vienna. New Haven: Yale University Press, 1986.

RICHARDSON, Roberto J. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 334 p

ROLNIK, Raquel. O que é Cidade. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de Imigração e Colonização. In: Raça, Ciência e Sociedade. Rio, Editora Fiocruz, CCBB, 1996. pp. 41-58.

VIEIRA, Daniele Machado. Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano. (2017).

WEISSHEIMER, Marco. Revisão do Plano Diretor de Porto Alegre exigirá movimento de resistência. Sul 21. 03 abr. 2017. Disponível em: <
<https://www.sul21.com.br/jornal/revisaodo-plano-diretor-de-porto-alegre-exigira-movimento-de-resistencia/>>. Acesso em: 16 set. 2017.